



History of Education in Latin America - HistELA

This work is licensed under a [Creative Commons — Attribution 4.0 International — CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

História da Educação em perspectiva decolonial: contribuições praxiológicas

History of Education from a decolonial perspective: praxeological contributions

Alder de Sousa Dias

Orcid: 0000-0003-0996-0000

Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Email: alderdias@ufpa.br

João Paulino da Silva Neto

Orcid: 0000-0001-5765-875X

Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Roraima, Belém, Pará, Email: joao.paulino@ufrr.br

Vitor Sousa Cunha Nery

Orcid: 0000-0002-1309-6094

Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Email: vitor.nery@ueap.edu.br

DOI: 10.21680/2596-0113.2025v8n1ID40064

Citação: Dias, Alder de Sousa; Nery, Vitor Sousa Cunha. (2025). Didática da História da Educação em perspectiva decolonial: contribuições praxiológicas. *History of Education in Latin America - HistELA*, 8(1). Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/40064>

Conflito de interesses: Os autores declaram que não existem interesses concorrentes.

Editora: Olivia Moraes de Medeiros Neta

Recebido: 01/05/2025

Aprovado: 20/12/2025

OOPEN ACCESS

Resumo

O artigo tematiza a História da Educação em perspectiva decolonial. Resulta da reflexão sobre um curso de extensão, apoiada em registros das (pessoas) cursistas, e, metodologicamente, em uma pesquisa bibliográfica, a partir de referências do Giro

Decolonial e da História da Educação. Considerando por base a compreensão de que as (pessoas) cursistas foram coprodutoras da pesquisa, desenvolvemos uma compreensão de História da Educação decolonial – aberta e desprendida à pluriversidade de modos de vida, comumente negados pelo modelo moderno-colonial.

Palavras-chave: História da Educação. Giro decolonial. História da Educação decolonial.

Abstract

This article addresses the History of Education from a decolonial perspective. It is the result of a reflection on an extension course, supported by records of the course participants and, methodologically, by a bibliographical research, based on references from the Decolonial Giro and the History of Education. Considering as a basis the understanding that the course participants were co-producers of the research, we develop an understanding of the History of Education that is decolonial – open and detached from the pluriversity of ways of life, commonly denied by the modern-colonial model.

Keywords: History of Education. Decolonial turn. History of decolonial education.

Introdução

O artigo tematiza a História da Educação. Surge a partir da realização do curso de extensão: História da Educação em perspectiva decolonial. Com sua conclusão, pedimos que as pessoas cursistas registrassem uma avaliação, tendo em vista abordar a contribuição para suas formações. Ao sistematizar os registros, acumulamos dados significativos para produzir o presente artigo, na medida em que nosso objetivo é abordar uma concepção de História da Educação de perspectiva decolonial.

Nessa perspectiva, o artigo resulta da reflexão sobre uma prática (o curso de extensão em tela), apoiada em registros das (pessoas) cursistas, e, metodologicamente, em uma pesquisa bibliográfica, a partir de referências do Giro Decolonial, como Dussel (2012; 2020; 2021) e da História da Educação, como Saviani (2008). Os registros avaliativos foram registrados em editor de texto e foi dada a autorização prévia para o uso no presente artigo. Os dados foram sistematizados em oito categorias: competência técnica; comprometimento enunciativo; criticidade; experiência da dor; materialidade como o ponto de partida de toda práxis decolonial; perspectiva formativa; práxis ético-crítica transmoderna; e sensibilidade ético-crítica.

A partir desse caminho, o artigo foi organizado em função de algumas vias. Primeiramente, situamos teoricamente o giro decolonial em interface com a História da Educação – mas sem a pretensão de esgotar o tema. Na sequência, descrevemos dados gerais do curso, para uma compreensão panorâmica de seus temas, objetivos e procedimentos metodológicos. Depois, trazemos à baila, na qualidade de autorias, algumas pessoas cursistas, que autorizaram a divulgação de seus relatos avaliativos. Então, sim, desenvolvemos nossa compreensão de História da Educação decolonial – aberta e desprendida à pluriversidade de modos de vida, comumente negados pelo modelo moderno-colonial, tendo por base os relatos, mas em diálogo com nossas experiências praxiológicas e com autorias de perspectiva decolonial, entre os quais, Enrique Dussel.

O giro decolonial e sua interface com a História da Educação Brasileira

Abordamos o giro decolonial como expressão da práxis decolonial, que surge dos sujeitos historicamente vitimizados pelos desdobramentos da colonização de seus territórios, iniciada a partir do ano de 1492, com a invasão dos espanhóis ao “novo mundo”. Fato que levou à instituição do Colonialismo, à instauração da colonialidade do poder e suas derivações (como as colonialidades do ser, do saber, da natureza, da pedagogia, entre tantas outras), assim como inaugura o mito da modernidade (Dussel, 2021).

Tem como principal caracterização as inúmeras estratégias e táticas de luta e resistência, denominadas de decoloniais, em vista de alcançar um projeto de mundo no qual a alteridade negada pelo sistema moderno-colonial, possa, a partir de sua atitude e razão, enunciar-se em suas dignidades e em horizontalidade, com a diversidade sociocultural presente em todos os quadrantes do planeta (Maldonado-Torres; 2008).

Por esse motivo, não se pode reduzi-lo a uma discussão meramente intelectualista voltada à produção do conhecimento científico, haja vista que não se fecha em si mesmo, mas visa ao novo, ao alcance de um paradigma “outro”, que também é denominado de transmodernidade, apesar de envolver atitude e razão no sentido de intervenção-produção-intervenção reflexiva de formas de pensar e fazer ciência, alicerçadas primeiramente em um engajamento ético-político em favor da vítima do sistema-mundo moderno-colonial, em vista de sua libertação (Dussel, 2020, 2021).

Envolve atitude e razão no sentido de intervenção-produção-intervenção reflexiva de formas de pensar e fazer ciência, alicerçadas primeiramente em um engajamento ético-político em favor da vítima do sistema-mundo moderno-colonial, em vista de sua libertação (Dussel, 2020).

Se de um lado, o giro decolonial tem sua origem como atitude de resistência ante a invasão europeia às terras do novo mundo – transformadas em suas colônias (Maldonado-Torres; 2008; Dussel, 2021), de outro lado, em termos de dimensão intelectual, sua origem é bem menos antiga. Genealogicamente, remonta a Waman Poma de Ayala (pertencente ao povo Inca) e a Otabbah Cugoano (escravo liberto), a partir de suas obras: *Nueva Corónica y Buen Gobierno al Rey Felipe III* e *Thoughts and Sentiments on the Evil of Slavery* – tratados político-decoloniais – datados respectivamente de 1616 (início do século XVII) e 1787 (fim do século XVIII) (Mignolo, 2007).

Essa é a raiz genealógica do processo, próprio do século XX, denominado de descolonização epistemológica do mundo acadêmico e intelectual (Dussel, 2020), que ocorre no centro do sistema-mundo e fundamentalmente em suas periferias, que se iniciou na década de 1960, e cujo estado atual estamos a viver, a ter como principal marco praxiológico o ano de 1998, quando, por meio de eventos acadêmicos independentes, um em Caracas (Venezuela) e outro em Nova Iorque (EUA), houve a instituição de uma rede heterogênea denominada de Rede Modernidade/Colonialidade (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007; Grosfoguel, 2013).

No Brasil, as produções científicas a se fundamentar no Giro Decolonial aparecem onze anos após a instituição desta Rede, sendo a primeira publicação, o artigo de José Maurício Domingues: *Global Modernization, ‘coloniality’ and a critical sociology for contemporary Latin America*, que aponta uma releitura crítica da América Latina,

sobre seus processos de desenvolvimento social, cultural e político, a partir de contribuições intelectuais da Rede Modernidade/Colonialidade (Carniel *et al.*, 2024).

Nessa direção, olhamos para o estatuto epistemológico da História da Educação no Brasil e vemos, a partir de Saviani (2008), pelo menos no que toca ao campo de pesquisa sobre as instituições escolares, que no Brasil, remonta a 1549, com a chegada dos jesuítas, que engendraram, na colônia portuguesa, a primeira escola brasileira.

Este marco nos é o suficiente para identificar a origem da História da Educação no Brasil, com a origem da educação escolar. Fato que tem a ver com o marco cronológico fundante da modernidade, como dito anteriormente: o ano de 1492, quando, a partir de então, a Europa – cultura secundária e periferia geopolítica, cujo poder estava entre o “mundo” bizantino e o “mundo” otomano – torna-se centro do sistema inter-regional, inaugurando uma nova fase no qual se torna o primeiro sistema-mundo propriamente dito (Dussel, 2012).

A partir deste marco, primeiramente Espanha, depois Portugal, seguida por Holanda, Inglaterra e França, praticaram genocídios com os povos distintos de sua identidade étnica. Importa lembrar aqui, o que nos diz um trecho dos relatos de Bartolomé de Las Casas, acerca da crueldade dos espanhóis:

Os espanhóis, com seus cavalos, suas espadas e lanças, começaram a praticar crueldades estranhas; entravam nas vilas, burgos e aldeias, não poupando nem as crianças e os homens velhos, nem as mulheres grávidas e parturientes e lhes abriam o ventre e as faziam em pedaços como se estivessem golpeando cordeiros fechados em seu redil (De las Casas, 2021, p. 30-31).

Surge um etnocentrismo denominado de eurocentrismo, que, fechado em seus próprios valores, enxerga apenas a si mesmo como valor absoluto, o que justifica a imposição de poder sobre as periferias, principalmente em relação às colônias, duplamente vitimizadas: como periferia e como colônia – condicionadas à exploração de suas riquezas (i)materiais e, pior, às atrocidades genocidas sob justificativa de emancipação moderna.

Nessa perspectiva, o mundo ocidental (suas periferias e sobretudo as colônias) – já eurocentrado – adota a ideologia da superioridade europeia, que nega toda a exterioridade de sujeitos, classes grupos sociais, distintos ao modelo vigente. Toda essa exterioridade é o “não ser” – sendo antes, nossos ancestrais, negados em seus “modos de ser” e por isso, invisibilizados em suas diversidades: os bárbaros, os rudes, os não civilizados, os sem alma, os não humanos (Dussel, 1993); atualmente, toda e qualquer subjetividade, inclusive coletiva, que não se enquadre ao modelo hegemônico euro-norte-americano: pessoas em condições atípicas (como as que têm síndromes genéticas, transtornos como o TDAH, deficiências, etc.); em nosso caso amazônico, povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos – esses últimos, sem direitos sociais como aqueles – a pessoa idosa ante um sistema capitalista que o enxerga como custo e na condição de “improdutivo”, a pessoa preta, as das periferias – que comumente são negras, que vítimas de racismo, também são estigmatizadas nas relações de produção, nas suas culturas, inclusive com o que lhes é sagrado, entre tantos outros grupos e classes sociais negados.

Reproduzimos esses valores. Não sem motivo, lembra bem Saviani (2008) que, pelo menos em termos de instituição escolar, a história da educação começa em 1549. Nesse caso, é preciso problematizar: não será um movimento de poder, negar processos educativos de nossos ancestrais, sejam eles de origem étnica indígena ou africana? Não será essa uma estratégia de estabelecer e manter relações de poder – um poder simbólico, pretensamente civilizacional?

Saviani (2008, p. 152), diz e concordamos: “Frizo, o ofício dos historiadores é lembrar o que os outros esquecem”. Concordamos desde que consideremos alargar a compreensão de História da Educação. Por isso, advogamos por uma História da Educação, que, brasileira, não esqueça das suas raízes, que compreenda e valorize a educação não apenas a partir da educação europeia – institucional escolar, que nos lembre que houve genocídio (muito anterior ao holocausto nazi), epistemicídio, historicídio.

Lembrar! Eis o ofício da pessoa envolvida com a pesquisa em História da Educação. Nessa direção mnemônico-epistemológica, Saviani (2008) especifica três vetores: a preservação da memória; o ensino de História da Educação; e a produção historiográfica propriamente dita. Dizemos que esses caminhos de pesquisa precisam ser abertos em relação ao modelo historiográfico eurocentrado, que desprezido de valores autorreferentes, veja a alteridade negada – tão diversa socio-historicamente e tão rica culturalmente.

Por isso, indicamos que, em vista de “fissurar” essa geopolítica do conhecimento, compreendemos que o fundamento primeiro de uma práxis científica decolonial em História da Educação “[...] é o comprometimento ético-político-epistemológico e ontológico com a vítima, a pessoa oprimida, subalternizada, invisibilizada, negada nos seus modos de existência pelo paradigma moderno-colonial (Dias, 2023, p. 23), desde seu lócus de enunciação.

Em termos práticos, se desenvolvemos uma pesquisa em História da Educação de perspectiva decolonial, é preciso identificar a historicidade dos sujeitos vitimizados pelos processos educacionais próprios do paradigma moderno-colonial. Historicidade essa, muitas vezes não expressa no modo hegemônico de se produzir conhecimento em História da Educação (Nery, 2021).

Decolonialmente, as fontes hão de ser (re)interpretadas em busca de evidências e pistas do que está “por trás” do que aparentemente os documentos trazem, em conjunto com um trabalho meticuloso de contrastar fontes variadas como jornais impressos, legislação educacional e manuscritos (Nery, 2021).

Isso significa que até mesmo documentos oficiais – comumente associados a instrumentos do poder simbólico do Estado e dissimulados de interesse público (Mainardes, 2018) – tornam-se susceptíveis de análises histórico-educacionais decoloniais, a evidenciar alteridades negadas pela historiografia moderno-colonial.

Descrição das ações

O curso de extensão História da Educação em perspectiva decolonial foi institucionalizado pela Universidade do Estado do Amapá (UEAP) e foi realizado em parceria acadêmica com a Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), o Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará (PPGED/ICED/UFPa) e com a Rede de Pesquisa sobre Pedagogias Decoloniais na Amazônia (RPPDA/CNPq), sediado no Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará. Foi um curso *online*, que se deu por meio do *StreamYard*® e do *YouTube*®, em 8 (oito) encontros, em dia de terça-feira, das 19h às 21h, no período de 11 de março a 29 de abril de 2025.

Factualmente, foi a resposta concreta a um problema administrativo que encontramos junto ao PPGED/ICED/UFPa, na medida em que divulgamos amplamente uma disciplina *stricto sensu*, com o mesmo nome do curso de extensão, a ser ministrada durante o primeiro semestre do corrente ano. Como o estatuto do Programa rege que

seus cursos de mestrado e doutorado são presenciais, não poderíamos ofertar o curso à distância. A questão é que até 09 de março, 540 pessoas haviam preenchido o cadastro do *Google Forms®*, manifestando interesse em participar, sendo a grande maioria a partir do acesso *online*.

Essa foi a materialidade, a partir da qual optamos por realizar o curso de extensão em questão, cuja síntese de temas abordados e de objetivos, seguem nas próximas linhas:

Quadro 1: Objetivos e temas abordados durante o curso de extensão

Síntese de temas abordados	Objetivos
O estatuto epistemológico da História da Educação, considerando criticamente as influências eurocêntricas e do norte global em geral. Conceitos fundamentais sobre o giro decolonial e o debate em torno da decolonização da Educação, da Pedagogia e da História da Educação. Uma Compreensão decolonial de História da Educação.	• Compreender a História da Educação, a partir de uma perspectiva decolonial, considerando as influências eurocêntricas (e do norte global em geral) em suas abordagens; • explicitar a importância do giro decolonial para a (re)fundamentação de uma História da Educação “outra”; • promover um espaço de diálogo crítico-propositivo sobre diferentes narrativas históricas e suas implicações educacionais.

Fonte: elaborado pelos autores.

Essas sínteses temáticas e objetivos foram organizados a partir do seguinte cronograma:

Quadro 2: Cronograma do curso de extensão História da Educação em perspectiva decolonial

Data	Tema
11/3	Mesa de Abertura do Curso de Extensão Apresentação do Curso
18/3	Estatuto epistemológico da História da Educação
25/3	Introdução ao Giro Decolonial e às pedagogias decoloniais
01/4 08/4	Crítica à periodização ideológica da histórica em perspectiva eurocêntrica
15/4	Uma concepção de História da Educação em perspectiva decolonial
22/4	Uma concepção de História da Educação em perspectiva decolonial
29/4	Avaliação do curso

Fonte: elaborado pelos autores.

Antes dos encontros, disponibilizávamos material para leitura, pressupondo o estudo e inclusive, contamos parte da carga horária para esse fim. Nesse sentido, textos e apresentações em slides foram disponibilizados. Metodologicamente, devido à forma de oferta do curso, via rede mundial de computadores, optamos por exposições orais, possibilitando a dimensão dialógica, sobretudo nos 30 minutos finais, quando todos

que assim o quisessem poderiam fazer perguntas, questionamentos e comentários. Contudo, porque o último dia de curso foi deixado para a avaliação propriamente dita, muitos registros significativos foram feitos a partir dos quais trazemos para serem lidos, na íntegra, considerando as pessoas cursistas como protagonistas de suas histórias, com autonomia intelectual, e assim, como coprodutoras desse artigo.

contribuições para uma história da educação em perspectiva decolonial: o que dizem as (pessoas) cursistas

Primeiramente, não intencionamos explicitar apenas excertos, mas os registros avaliativos na íntegra, a serem lidos e compreendidos por toda e qualquer pessoa que ler o presente artigo. Nossa abordagem compreensiva será feita apenas na seção posterior. A pergunta-base, que gerou as respostas transcritas nas próximas linhas, foi: como o curso de extensão História da Educação em perspectiva decolonial contribuiu com minha formação? Com a palavra, as (pessoas) cursistas:

Sou de Marília, SP. Doutoranda em Educação pela Unesp. Na linha de História e Filosofia da Educação... Mas atualmente estou morando na cidade de Rio Grande, RS. Na fase final de escrita da tese.

Este curso contribuiu de maneira significativa para minhas leituras. Já estudo a perspectiva feminista decolonial, mas o curso trouxe outros autores importantes, como o Dussel! Irei aprofundar nessas leituras novas. Gratidão, foi muito bom.

Ana Laura (Rio Grande - Rio Grande do Sul)

O curso me alertou para a urgência do desenvolvimento e intensificação de uma prática mais plural, crítica e inclusiva da educação, essencial para que eu continue desenvolvendo com mais sensibilidade social e responsabilidade histórica nos diversos contextos educacionais nos quais transito. Gratidão pelo material disponibilizado.

Maria Lúcia de Resende Lomba (Belo Horizonte - Minas Gerais)

O curso História da Educação em Perspectiva Decolonial teve um papel importante na minha formação. Ele me ajudou a perceber que a história da educação (tradicionalmente), inúmeras vezes contada sob uma visão eurocêntrica, precisa ser revisitada e recontextualizada, levando em conta as vozes que foram silenciadas e as experiências dos povos racializados, indígenas, afrodescendentes e marginalizados. Essa abordagem decolonial ampliou meu olhar sobre os processos de escolarização no Brasil, mostrando como as práticas educativas sempre estiveram — e ainda estão — ligadas a projetos de dominação, exclusão e apagamento cultural.

Alexandra Padilha Bueno - Unespar Campus (Paranaguá/Paraná)

Fiz uma pequena apresentação sobre mim, para me conhecer melhor: Meu nome é Claudete Rodrigues, tenho 46 anos e resido no bairro Primavera, em Viana, Espírito Santo. Sou formada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, e também em Licenciatura em Língua Portuguesa. Recentemente, concluí a Licenciatura em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), consolidando uma trajetória marcada pela paixão pelo conhecimento histórico — especialmente pelas abordagens decoloniais, políticas e pelos estudos sobre os povos indígenas, que me inspiram profundamente.

Sou pós-graduada em Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça (UFES), além de possuir especialização em Educação Especial e Educação Inclusiva. Atuo como professora, profissão que exerço com dedicação, sensibilidade e compromisso com a transformação social. Lecionei Língua Portuguesa — disciplina pela qual nutro um carinho especial — e, atualmente, sou professora efetiva da rede municipal de Viana, atuando na área da Educação Especial. Em cada sala de aula, procuro ser a educadora

que gostaria que os meus próprios filhos tivessem: acolhedora, comprometida, dedicada, sensível, transformadora e inspiradora.

Me inspiro nos ensinamentos de Paulo Freire, buscando fazer jus à sua pedagogia libertadora, e também no exemplo de Papa Francisco — um ser de luz, revolucionário e inigualável, que nos mostrou, com simplicidade e coragem, o verdadeiro sentido do Cristianismo. Além disso, me identifico com a perspectiva marxista, por compreender nela um instrumento potente de leitura crítica da realidade e de luta por justiça social.

A História Decolonial é, para mim, um campo de estudo profundamente instigante e necessário, no qual pretendo seguir aprofundando meus conhecimentos e práticas. Participar de aulas tão enriquecedoras foi uma experiência transformadora, que reafirma minha convicção de que o conhecimento é uma ferramenta de emancipação — e que escutar e valorizar as vozes historicamente silenciadas é um passo essencial para a construção de uma sociedade mais justa, fraterna, plural e verdadeiramente humana.

O curso de História Decolonial contribuiu de forma extremamente relevante para a minha formação, pois ampliou minha compreensão sobre os processos históricos a partir de uma perspectiva crítica, questionando as narrativas eurocêntricas e valorizando os saberes produzidos por povos historicamente marginalizados. Ele me possibilitou enxergar a história com outros olhos, reconhecendo as desigualdades estruturais herdadas do colonialismo e a importância das resistências culturais, sociais e políticas dos povos colonizados. Além disso, o curso fortaleceu meu compromisso com uma prática educativa mais consciente, plural e comprometida com a justiça social.

Faltou dizer, o qual acrescento, a parte mais linda e importante da minha vida: sou mãe de duas belíssimas e inteligentíssimas crianças. Heitor Lucas, 12 anos, síndrome de Asperger (com enquadramento atual no autismo nível 1 de suporte) e com Altas Habilidades/Superdotação. É dotado de uma inteligência surreal e extremamente questionador. Sofre bullying constante por não se enquadrar em uma sociedade "redonda". E ... de Maria Antonella, 9 anos, que tem um problema de visão, alta miopia, aliada ao astigmatismo, que compromete "entre aspas", um pouco a sua vida, mas que é uma menina positiva, alegre, empoderada e esperta. Se Deus quiser, com o avanço da medicina, em breve, fará a tão sonhada cirurgia a laser. E ... também é uma exímia questionadora. E... para finalizar, sou mãe solo, dessas preciosidades. Minha vida. Meu ar. Meu coração. A melhor parte da minha História.

Claudete Rodrigues (Viana - Espírito Santo)

sou Jaqueline Brito da Silva Sanches, moradora da cidade de Breves no Marajó, sou assistente social, faço parte dos programas de pesquisa e extensão da Universidade Federal do Pará - como o programa direitos Humanos infância diversidade no arquipélago do Marajó - DHIDAN, e o programa Rede de comunidades ribeirinhas.

O curso História da Educação em perspectiva decolonial, contribuiu profundamente para minha formação no Serviço Social ao possibilitar uma compreensão crítica e ampliada da história da educação, reconhecendo que ela não é única, mas plural. A partir dessa abordagem, foi possível perceber como a narrativa oficial, frequentemente eurocentrada e centrada em autores brancos, contribui para o racismo epistêmico e para o silenciamento de saberes produzidos por outros sujeitos históricos, especialmente autores negros e de comunidades tradicionais. Essa reflexão me permitiu desenvolver uma análise mais totalizante da realidade, reconhecendo as particularidades da nossa sociedade e os efeitos das exclusões históricas nos processos educativos, reafirmando o compromisso ético-político do Serviço Social com a justiça social, o combate ao racismo e a valorização das epistemologias subalternizadas.

Jaqueline Brito da Silva Sanches (Breves - Arquipélago do Marajó – Pará

Boa tarde!

Sou da cidade de Curralinho, no Marajó-PA. Estou no 7º período do curso de Licenciatura em História, pela UFPA. Fiquei sabendo do curso HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM PERSPECTIVA DECOLONIAL, me inscrevi e indiquei a amigos.

Este curso foi um divisor de águas, pois me ajudou a ampliar a compreensão sobre decolonialidade, já possuía familiaridade com a temática, mas as obras e autores indicados aqui foram inéditos pra mim.

Certamente me ajudará muito na sala de aula, pois apesar do currículo nos prender bastante em uma narrativa colonizadora, podemos sempre incrementar novos horizontes para nossos alunos, dizer que nosso país não foi "descoberto", mas invadido, e há tanta coisa a ser criticada, estudada, pesquisada... Induzir os alunos a serem críticos a ponto de identificar as diversas formas de manifestação do colonialismo na história e na atualidade de nossa nação.

Existem outras narrativas, existem outros sujeitos que foram silenciados nesse processo.

Gostei bastante!

Estarei à espera de outros cursos sobre o tema. Parabênzo os organizadores e considero muito importante o alcance nacional adquirido pelo curso.

Thamires Feitosa (Curralinho – Arquipélago do Marajó – Pará)

Sou professora da educação básica do município de Cabedelo, na Paraíba. Aprofundou as minhas discussões! Ainda é um tema bastante disperso na academia e esse curso chegou na hora certa, trazendo, principalmente autores referências, e metodologia de pesquisas importante e resultados significativos na área de educação.

Conclusão : é urgente, é possível que essas discussões saiam do ambiente acadêmica e adentre a educação, básica , de uma forma consciente e decolonial!

Michelly Sobral (Cabedelo - Paraíba)

Olá!

Me chamo Sabrina Pereira, sou de Curralinho, no arquipélago do Marajó (PA), e estou no 7º período da Licenciatura em História pela UFPA. Quando me inscrevi no curso História da Educação em Perspectiva Decolonial, não imaginava o quanto essa experiência iria ressignificar não só minha formação, mas também meu papel como futura educadora nesta região tão rica e complexa.

Morar no Marajó sempre me fez questionar como a história oficial retrata nossa região: muitas vezes reduzida a lendas ou a um passado distante, como se nossas lutas atuais não existissem. O curso me deu ferramentas para entender que essa invisibilidade não é acidental — é herança de um projeto colonial que ainda hoje marginaliza territórios como o nosso. Aprendi a enxergar, por exemplo, como a história dos povos ribeirinhos, dos quilombolas do Marajó e das mulheres que lideram resistências ambientais aqui são apagadas pelos currículos tradicionais.

Antes, eu via a decolonialidade como algo distante, discutido apenas em teorias acadêmicas. Mas as aulas me mostraram que ela está presente nas nossas raízes: nas cerâmicas marajoaras que contam histórias ancestrais, nos tambores do carimbó que ecoam resistência, e até nas práticas de manejo sustentável que comunidades locais preservam há gerações. Agora, quero levar esses saberes para a sala de aula, substituindo a ideia de um "Brasil descoberto" por discussões sobre invasão, resistência e sobrevivência cultural.

Um dos momentos mais marcantes foi refletir sobre como a educação pode ser reparadora. No Marajó, onde muitas escolas enfrentam falta de estrutura e desvalorização dos saberes locais, planejo criar atividades que usem a história oral: entrevistar mestres de cultura, mapear histórias de griôs da comunidade e debater como o extrativismo atual repete lógicas coloniais. Quero que meus alunos vejam que a

história não está só nos livros — está nas vozes de seus avós, na mata que protegem e até nos conflitos que enfrentamos por terra e dignidade.

Por fim, o curso reforçou minha certeza de que a educação é um ato político. Como professora em formação, vejo que posso ser uma ponte entre a academia e a realidade marajoara, ajudando a construir currículos que valorizem nossas narrativas. Não será fácil desafiar estruturas enraizadas, mas saio dessa experiência com a convicção de que cada aula pode ser um gesto de resistência.

Agradeço aos organizadores do curso por abrirem espaço para vozes como a nossa. Que possamos seguir descolonizando a educação, começando por territórios historicamente silenciados, como o Marajó.

Com gratidão,

Sabrina Pereira (Curralinho – Arquipélago do Marajó – Pará)

Boa tarde, me chamo Claudene Souza, do município de Oriximiná, a cidade que um dia deu o título ao Pará, de Estado que exporta bauxita.

Posso dizer que não foi fácil a inscrição. Quando ouvi falar sobre o curso, logo me interessei. Mas, não sabia se era possível me inscrever, pois sou do PPGED UEPA. Mas, no final deu tudo certo. E, aqui estou para agradecer pelos conhecimentos.

Uma formação para lá de pai d'egua. Bem paraense, mesmo.

Aprendi muito e espero fazer mais leituras.

Na verdade, nossa formação pesa muito. Queremos dar saltos, mas logo somos fechados pela velha visão eurocêntrica. Até mesmo em nossas pesquisas.

Olhar o outro em sua alteridade, nos desafia a olha-lo além das fronteiras da razão.

Um curso que nos move para a inquietude. Nos lança a buscar novas perspectivas dentro de uma estrutura velha e arcaica, como um processo de libertação.

Parabéns aos professores doutores Alder e Vitor, que nos deram a oportunidade de um giro decolonial no pensamento em tão pouco tempo. Abraço! Um abraço especial ao Professor Dr. João Paulino Neto! Ainda não superei sua discussão enriquecedora! Sucesso!

Claudene Souza (Oriximiná - Pará)

O curso foi essencial para aprofundar minha compreensão crítica sobre os processos históricos que moldaram a educação no Brasil, sobretudo a partir de uma perspectiva decolonial, que rompe com a hegemonia eurocentrada e valoriza os saberes plurais e subalternizados. Essa formação tem sido fundamental para minha atuação como pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (PPED/UNIT – Sergipe), especialmente por fortalecer os referenciais teóricos e metodológicos que embasam minha pesquisa em educação quilombola. A experiência com o curso também ampliou meu compromisso com uma prática educativa antirracista, comprometida com a justiça social e com a valorização das epistemologias do sul. Sou Rafaela Matos, de Sergipe, e sigo com gratidão por todo o material e reflexões compartilhadas.

Rafaela Matos (Sergipe).

Boa tarde! Me chamo Cleonice Barros, da cidade de Macapá-AP, sou do PARFOR Equidade - UEAP polo Comunidade São José do Matapi, também sou licenciada em letras – língua portuguesa e literatura.

O ambiente proposto pelo curso promoveu um espaço de diálogo crítico sobre diferentes narrativas históricas e suas implicações educacionais. Além de desenvolver a capacidade crítica, essa interação com outros estudantes e professores ampliou a visão sobre a educação e sua função na sociedade. A formação não só promoveu um

entendimento teórico, mas também possibilitou reflexões sobre práticas educativas que desafiam as estruturas coloniais persistentes na educação contemporânea.

Cleonice Barros (Macapá-Amapá)

Sou Rosa Maria Siqueira de Carvalho Rodrigues. Eu nasci em Belém do Pará, e atualmente moro em Manicoré, no sul do Amazonas. Há quase quinze anos, venho entrelaçando minha vivência pessoal e profissional com este território marcado por saberes plurais, desafios históricos e silêncios persistentes, no qual desenvolvo a minha pesquisa no doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Foi a partir de diálogos com colegas da pós-graduação que cheguei ao curso História da Educação em Perspectiva Decolonial. Aceitar esse convite formativo foi resultado de uma inquietação que já me atravessava: a de compreender com mais profundidade os caminhos trilhados pela educação brasileira, especialmente nos territórios da região Amazônica, onde tantas histórias seguem à margem do registro oficial. Longe de ser uma experiência apenas acadêmica, o curso me provocou reflexões e me ofereceu um espaço de escuta crítica, onde pude revisitar minha trajetória docente a partir de um novo olhar.

A aproximação com os debates decoloniais me impôs o exercício de enxergar, com mais nitidez e sensibilidade, as camadas de silenciamento presentes na história da educação amazônica, especialmente no sul da floresta, onde atuo. Os conteúdos propostos ao longo do curso dialogaram profundamente com a minha tese. As contribuições teóricas ampliaram meu horizonte crítico, convocando-me a repensar o modo como compreendo a formação docente, para além das exigências institucionais.

A cada encontro, fui sendo interpelada não apenas como pesquisadora, mas como professora em constante construção, comprometida com práticas que valorizem os saberes ancestrais, os modos de vida locais e as epistemologias que brotam do chão amazônico. Nesse caminho, sigo aprendendo a ouvir e a reexistir com e a partir da floresta. Aos professores minha gratidão!

Rosa Maria Siqueira de Carvalho Rodrigues (Manicoré - Amazonas)

Boa tarde a todos!

Me chamo Helena Farias Gaia e atualmente sou mestrandia em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFPa). O curso História da Educação em Perspectiva Decolonial contribuiu de forma significativa para minha formação, especialmente por me permitir repensar a educação a partir do meu lugar de origem – Cametá, no interior do Pará – e da minha própria trajetória. Durante o curso, fui provocada a questionar narrativas eurocentradas que, por muito tempo, invisibilizaram os saberes locais, as vozes indígenas, ribeirinhas, trabalhadores rurais que compõem as Amazônias. Essa experiência fortaleceu minha compreensão sobre a importância de valorizar os conhecimentos produzidos em nossos territórios e de construir uma prática educativa mais crítica, sensível e comprometida com a diversidade sociocultural da região. Agradeço a oportunidade. Um abraço afetuoso

Helena Farias Gaia (Cametá - Pará)

Esses são os pontos de vistas trazidos na íntegra. Optamos por não os analisar, mas trazê-los de modo que a (pessoa) leitora possa fazer suas próprias compreensões. Assim, deixamos as (pessoas) cursistas falem por si mesmas, desde suas diversas enunciações.

Contribuições praxiológicas a uma História da Educação decolonial

Ao considerar o teor da seção: “O giro decolonial e sua interface com a História da Educação Brasileira”, sobre a práxis científica em História da Educação; a descrição

do curso de extensão; e os relatos avaliativos das pessoas cursistas, é chegado o momento elencar alguns indicativos praxiológicos, em vista de uma História da Educação de perspectiva decolonial.

- **Reconhecimento do ano de 1492 como o marco de origem da modernidade:** do ponto de vista intelectual – que não deixa de ser uma práxis, portanto, ação com vistas a intervir no mundo – é preciso, decididamente, compreender que a origem da modernidade não são eventos intraeuropeus, mas as invasões aos territórios até então não conhecidos e povoados: o marco é, reiteramos, o ano de 1492, quando naus espanholas desembarcam na ilha atualmente denominada por República Dominicana (De las Casas, 2021). De fato, ao levar isso a cabo, nem mais se considera a pós-modernidade, senão como evento eurocentrado que critica a si mesmo, sem a pujança radical de toda sorte de vítimas negadas pelo sistema-mundo moderno-colonial.
- **Experiência da dor:** essa experiência diz respeito à dor física, mas também emocional e simbólica. Como se sente o sujeito quando reproduzimos falas, como: “tu não és ninguém?”. Implica no reconhecimento consciencial, mas não se limitar a orbitá-la como uma prisão de vitimismo. Trata-se do primeiro passo do que Oliveira e Ramos (2020) denominam de experiência monológica ou reconhecimento da dor do outro;
- **sensibilidade ético-crítica:** se não sente a dor, mas se sensibiliza com o “outro” que a sente na pele. O primeiro passo aqui, não é epistemológico/historiográfico, mas ético e diz respeito a reconhecer a dor pessoal, mas sobretudo de uma dada alteridade (Dussel, 2012);
- **materialidade como o ponto de partida de toda práxis decolonial:** é por isso que se o papel da pessoa que se envolve com a pesquisa em História da Educação é lembrar, pois então que lembre da dor do outro, que há séculos foi vítima de genocídio, epistemicídio, historicídio, e tantos outros “cídeos”. Que se lembre que na história de tempo presente não se tem dados significativos sobre a origem da educação escolar, que não seja a partir de pesquisas que privilegiam o urbano, o escrito, o “civilizado”;
- **Comprometimento enunciativo:** é o lugar de fala não simplesmente no sentido de contextualização de um tema de pesquisa, mas de reconhecimento existencial de quem produz a pesquisa com um dado território geográfico e simbólico no qual pessoa ou o grupo se faz e se refaz social, histórica e culturalmente. É dessa materialidade e dessa enunciação que se pretende um diálogo horizontal sul-sul; sul-norte, no qual a alteridade seja devidamente reconhecida e respeitada como é: simplesmente o “outro”, nem pior, nem melhor.
- **Críticidade:** desde a realidade concreta imediata, como o sertão nordestino, a pampa sulista, regiões ribeirinhas, periferias urbanas, que tal pesquisar, indagando-se: como e porque chegou a educação escolar aqui? Que processos educativos haviam antes da educação escolar? Que lideranças lutaram para que o direito à educação escolar chegasse a uma dada comunidade?
- **práxis ético-crítica transmoderna:** esses passos, abertos ao “outro” negado, desprendidos da circularidade fechada euro-norte-americana, promovem um movimento decolonial ao molde ético-crítico-libertador, em vista de se alcançar um projeto de sociedade tolerante, pluriversa, que se reconheça intercultural, cuja economia seja voltada à emancipação da vida humana, e inclusive ecologicamente integrada à natureza. Estamos a falar da transmodernidade como ponto de chegada de toda e qualquer práxis decolonial. Nesses termos,

uma práxis científica em História da Educação não tem outro caminho, senão a transformação da sociedade atual - e suas colonialidades – em uma sociedade “outra”;

- **competência técnica:** isso não implica em deixar de lado o rigor intelectual, científico. Não significa deixar de lado, ou secundarizar temas ou mesmo conteúdos curriculares. De fato, em vista da práxis ético-crítica transmoderna, é preciso rigor teórico e conhecimento técnico denso, para significativas transformações (super)estruturais;
- **perspectiva formativa:** da mesma maneira, o papel da pessoa que se envolve com a práxis historiográfico-educacional, precisa se situar em uma dimensão muito para além de apenas ensinar. O ponto mais adiante sempre deve ser ajudar na formação humana.

A seguir, em vista de ilustrar essas categorias presentes em alguns dos relatos avaliativos, apresentamos o quadro 3. Por isso, em uma perspectiva de coprodução, dizemos que embora estejamos formalmente como autores deste artigo, de fato, nele há muitas outras autorias, que ajudaram a “lembrar” alguns caminhos de como se faz uma história da educação decolonial.

Quadro 3: A coprodução das pessoas cursistas em delinear uma História da Educação em perspectiva decolonial

CATEGORIZAÇÃO	EXCERTOS
Competência técnica	Este curso foi um divisor de águas, pois me ajudou a ampliar a compreensão sobre decolonialidade, já possuía familiaridade com a temática, mas as obras e autores indicados aqui foram inéditos pra mim. Thamires Feitosa (Curralinho – Arquipélago do Marajó – Pará) Uma formação para lá de pai d’egua. Bem paraense, mesmo. Aprendi muito e espero fazer mais leituras. Claudene Souza (Oriximiná - Pará)
Comprometimento enunciativo	Me chamo Helena Farias Gaia e atualmente sou mestranda em Educação e Cultura (PPGEDUC/UFGA). O curso História da Educação em Perspectiva Decolonial contribuiu de forma significativa para minha formação, especialmente por me permitir repensar a educação a partir do meu lugar de origem – Cametá, no interior do Pará – e da minha própria trajetória. Helena Farias Gaia (Cametá - Pará)
Críticidade	O curso foi essencial para aprofundar minha compreensão crítica sobre os processos históricos que moldaram a educação no Brasil, sobretudo a partir de uma perspectiva decolonial, que rompe com a hegemonia eurocentrada e valoriza os saberes plurais e subalternizados. Rafaela Matos (Simão Dias - Sergipe).
Sensibilidade ético-crítica	O curso História da Educação em Perspectiva Decolonial teve um papel importante na minha formação. Ele me ajudou a perceber que a história da educação (tradicionalmente), inúmeras vezes contada sob uma visão eurocêntrica, precisa ser revisitada e recontextualizada, levando em conta as vozes que foram silenciadas e as experiências dos povos racializados, indígenas, afrodescendentes e marginalizados. Essa abordagem decolonial ampliou meu olhar sobre os processos de escolarização no Brasil, mostrando como as práticas educativas sempre estiveram — e ainda estão — ligadas a projetos de dominação, exclusão e apagamento cultural. Alexandra Padilha Bueno - Unespar Campus (Paranaguá/Paraná)

Experiência da dor	Faltou dizer, o qual acrescento, a parte mais linda e importante da minha vida: sou mãe de duas belíssimas e inteligentíssimas crianças. Heitor Lucas, 12 anos, síndrome de Asperger (com enquadramento atual no autismo nível 1 de suporte) e com Altas Habilidades/Superdotação. É dotado de uma inteligência surreal e extremamente questionador. Sofre bullying constante por não se enquadrar em uma sociedade "redonda". E ... de Maria Antonella, 9 anos, que tem um problema de visão, alta miopia, aliada ao astigmatismo, que compromete "entre aspas", um pouco a sua vida, mas que é uma menina positiva, alegre, empoderada e esperta. [...] Claudete Rodrigues (Viana - Espírito Santo)
Materialidade: o ponto de partida	Um dos momentos mais marcantes foi refletir sobre como a educação pode ser reparadora. No Marajó, onde muitas escolas enfrentam falta de estrutura e desvalorização dos saberes locais, planejo criar atividades que usem a história oral: entrevistar mestres de cultura, mapear histórias de griôs da comunidade e debater como o extrativismo atual repete lógicas coloniais. Quero que meus alunos vejam que a história não está só nos livros — está nas vozes de seus avós, na mata que protegem e até nos conflitos que enfrentamos por terra e dignidade. Sabrina Pereira (Curralinho – Arquipélago do Marajó – Pará)
Perspectiva formativa	Certamente me ajudará muito na sala de aula, pois apesar do currículo nos prender bastante em uma narrativa colonizadora, podemos sempre incrementar novos horizontes para nossos alunos, dizer que nosso país não foi "descoberto", mas invadido, e há tanta coisa a ser criticada, estudada, pesquisada... Induzir os alunos a serem críticos a ponto de identificar as diversas formas de manifestação do colonialismo na história e na atualidade de nossa nação. Thamires Feitosa (Curralinho – Arquipélago do Marajó – Pará)
Práxis ético-crítica transmoderna	O curso de História Decolonial [...] me possibilitou enxergar a história com outros olhos, reconhecendo as desigualdades estruturais herdadas do colonialismo e a importância das resistências culturais, sociais e políticas dos povos colonizados. Além disso, o curso fortaleceu meu compromisso com uma prática educativa mais consciente, plural e comprometida com a justiça social. Claudete Rodrigues (Viana - Espírito Santo)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Considerações finais

Organizadores e cursistas, a muitas vozes e a muitas mãos, coproduziram indicativos de práxis decoloniais em História da Educação. Precisamos de uma História da Educação que nos lembre que há uma matriz moderno-colonial, que nos lembre: somos sujeitos dignos, tanto quanto os que vivem no “norte” global – seja me perspectiva metafórica ou territorial.

O Giro decolonial contribuiu com uma práxis que visa um mundo transmoderno. Mas para se chegar a esse projeto, alguns indicativos praxiológicos são necessários: o reconhecimento do ano de 1492 como o marco de origem da modernidade; a experiência da dor; a sensibilidade ético-crítica; a materialidade como o ponto de partida de toda práxis decolonial; o comprometimento enunciativo; a criticidade; a práxis ético-crítica transmoderna; a competência técnica; e a perspectiva formativa.

Porém, nada disso se faz uma com uma História da Educação, que, elitista e eivada de colonialidade, não enxerga além da educação escolar. É preciso uma História da

Educação que, por comprometimento ético-político, enxergue a alteridade negada, por isso, invisibilizada, e que, por isso mesmo, veja a educação em sentido antropológico.

Referências

- Carniel, Fagner; Lacruz, Adonai José; Américo, Bruno Luiz; Mathias, Meire (2024). Estudos decoloniais nos circuitos hegemônicos da produção acadêmica brasileira. *Cad. EBAPE.BR*, v. 22, nº 6, Rio de Janeiro, p. 1-18, e2022-0230, 2024. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cebape/a/W8ZtBsxZFdT7jmn36ZrkNnP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- Castro-Gómez, Santiago; Grosfoguel, Ramón (2007). Prólogo. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: Castro-Gómez, Santiago; Grosfoguel, Ramón (org.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar. Disponível em:
[http://observatorioedhemfoc.hospedagemdesites.ws/observatorio/wp-content/uploads/2020/09/El-giro-decolonial-1](http://observatorioedhemfoc.hospedagemdesites.ws/observatorio/wp-content/uploads/2020/09/El-giro-decolonial-1.pdf).pdf. Acesso em: 22 mar. 2025.
- De las Casas, Bartolomé (2021). *O paraíso destruído: brevíssima relação da destruição das Índias Ocidentais*. Porto Alegre: LP&M.
- Dias, Alder de Sousa (2023). Pesquisas decoloniais: em vista de práxis científicas “outras” em Educação. *Interritórios*, Caruaru, v. 9 n. 18, e259119, p. 1-30, 2023: Disponível em:
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/interritorios/article/view/259119/44388>. Acesso em: 22 mar. 2025.
- Dussel, Enrique (1993). *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Dussel, Enrique (2012). *Ética da Libertação na Idade da Globalização e da Exclusão*. 4ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes.
- Dussel, Enrique (2020). *Siete ensayos de filosofía de la liberación: hacia una fundamentación del giro decolonial*. Madrid: Editorial Trota.
- Dussel, Enrique (2021). *Filosofía de la Liberación: una antología*. Mexico: Akal.
- Grosfoguel, Ramón (2013). Hay que tomarse en serio el pensamiento crítico de los colonizados en toda su complejidad. Entrevista a Luis Martínez Andrade. *Metapolítica*, Puebla, año 17, n. 83, p. 38-47, oct./dici. 2013. Disponível em:
[http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Grosfoguel%20METAPOLITICA_831](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Grosfoguel%20METAPOLITICA_831.pdf).pdf. Acesso em 20 mar. 2025.
- Mainardes, Jeferson (2018). Reflexões sobre o objeto de estudo da política educacional. *Laplage em Revista*, Sorocaba, v. 4, n. 1, p.186-201, jan./abr. 2018.

Maldonado-Torres, Nelson (2008). La descolonización y el giro des-colonial. *Tabula Rasa*. Bogotá - Colombia, n.9, p. 61-72, jul./dic. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n9/n9a05.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2017.

Mignolo, Walter (2007). El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto. In: Castro-Gómez, Santiago; Grosfoguel, Ramón (org.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar. Disponível em: <http://www.unsa.edu.ar/histocat/hamoderna/grosfoguelcastrogomez.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2019.

Nery, Vitor Sousa Cunha (2021). **Colonialidade pedagógica na instrução pública primária da Comarca de Macapá (1840-1889)**. Tese (Doutorado em Educação) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém. Disponível em: <http://ppgedufpa.com.br/arquivos/File/vitor.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2025.

Oliveira, Ivanilde Apoluceno de; Ramos, João Batista Santiago (2020). Filosofia e Ética da Libertação de Enrique Dussel. Veranópolis: Diálogo Freiriano.

Saviani, Dermeval (2008). História da História da Educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. *EccoS – Revista Científica*, São Paulo, v. 10, n. especial, p. 147-167, 2008. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/1356/1020>. Acesso em: 29 mar. 2025.